

## **Romeu e Julieta: do enamoramento ao desenamoramento como fundantes do vínculo conjugal<sup>1</sup>**

### **Romeo and Juliet: from Limerence to non-Limerence as Founders of Marital Bond**

Renata Guenter<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe uma reflexão a respeito do vínculo conjugal, tendo como eixo o processo do enamoramento ao desenamoramento. A crise do desenamoramento consiste no fato de a dupla vincular deparar-se com a autonomia do outro, a incompletude narcísica, a falta. A crise do desenamoramento é imprescindível para a constituição do vínculo conjugal. Sem esta experiência, o vínculo seria sustentado pela paixão, pela idealização narcísica. Somente com a vivência da crise do desenamoramento, que culmina com a percepção da pessoa real, torna-se possível a passagem para o amor. Apresenta-se um caso clínico de maior complexidade no qual se configura a experiência da crise, própria do vínculo, quando ocorre a passagem da paixão para o amor, situação que leva muitos casais à busca de tratamento diante da impossibilidade de manter o vínculo. A superação da crise do desenamoramento pode tornar a dupla conjugal mais amadurecida, fortalecida, possibilitando a vivência do amor, tornando-a apta a construir um novo projeto vital compartilhado.

**Palavras-chave:** enamoramento; desenamoramento; crise.

**Abstract:** This article proposes a reflection about the marital bond having as the axis the limerence to non-limerence process. The non-limerence crisis consists on the fact that the couple comes across the other's autonomy, the narcissistic incompleteness, the lack. This crisis is indispensable for the constitution of the marital bond. Without this experience the bond would be sustained by passion, narcissistic idealization. Only by living the non-limerence crisis that culminates with the perception of the real person, the love experience becomes possible. A major complexity clinical case will be presented, in which the crisis experience was set, the bond's own aspect, when there is the passage of passion to love, what leads several couples to search for treatment because of the impossibility of keeping the bond. Overcoming the non-limerence crisis may turn the couple into a more mature, stronger couple, making the love experience possible, making them ready to build a new vital project.

**Keywords:** limerence; non-limerence; crisis.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao CONTEMPORÂNEO - Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade, como Psicoterapeuta das Configurações Vinculares: casal e família. Porto Alegre – RS. e-mail: rgunter@terra.com.br.

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Psicanálise das Configurações Vinculares: casal e família.

Agradecimentos à Orientadora Dra. Ângela Piva, psicanalista, psicoterapeuta de casal e família, docente do Contemporâneo - Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade- Porto Alegre – RS.

O enamoramento é o estado emocional almejado por todos os amantes. Na linguagem do senso comum, as pessoas denotam confusão no que diz respeito à diferença entre amor e enamoramento. O enamoramento tem sido descrito por poetas, filósofos, psicoterapeutas, psicanalistas e recriado pelos seres humanos como um estado emocionalmente intenso, acompanhado de tónus muscular exultante. Amor e enamoramento, de modo geral, são apresentados como equivalentes ou quase idênticos, no entanto são diferentes (Bregio; Spivacow, 1997).

O enamoramento pode ser entendido como um estado de extrema excitação, no qual os sentimentos são experimentados de forma intensa, norteados pelo ideal narcísico que cada componente da dupla apresenta ao outro. Sob este prisma, Bregio e Spivacow (2008) sustentam que, em nossa sociedade, o enamoramento é o estado vislumbrado por todos os apaixonados, visto estar alicerçado na ideia de ‘uma afeição perfeita’.

O amor envolve um sentimento de continuidade. Requer um trabalho psíquico, de múltiplas dimensões, no qual há espaço para renúncias em favor do outro como objeto amado. Puget e Berenstein (1994) postulam que o amor requer um trabalho de elaboração do processo secundário em que o prazer possa ser postergado. O amor é difícil. Implica ser capaz de entender o outro como um ser diferente de si, como alguém que possui suas próprias necessidades, as quais o amante vislumbra encontrar.

O amor e enamoramento são duas formas de funcionamento sentimental. No amor, há espaço para desencontros. Supõe espaço de não coincidência e de não possessividade entre dois seres. O amor inclui espaço para elaboração e frustração. Apoia-se no princípio da realidade. O enamoramento é o contrário, busca o prazer imediato. Sustenta-se em funcionamentos psíquicos mais primitivos, nos quais o prazer não pode ser postergado (Spivacow, 2008).

### **Sobre o enamoramento**

Freud (1920) elucida que o objeto do enamorado vem a ocupar o lugar do ideal de ego. Entre os amantes se estabelece uma relação que Freud compara à do hipnotizado com o hipnotizador. Nos enamorados os limites de cada aparato psíquico desaparecem, de maneira que o ideal de ego do sujeito passa a confundir-se com o objeto, o outro.

O enamoramento é um complexo estado mental e emocional, alicerçado na atração sexual mútua. Os enamorados vivenciam o vínculo fundado na idealização e na adoração sempre instáveis. Berenstein (1991) diz que, no enamoramento, a autoestima depende do investimento narcisista.

Na prática clínica, percebe-se que cada dupla tem uma vivência ímpar deste momento. Nesta relação intersubjetiva acionam e são acionados pelo outro, traçando uma vivência ímpar. Berenstein (1991) pondera que, no enamoramento, o objeto se instala no lugar de ideal do ego, convertendo-se em único possuidor de valores quando, sob a luz da exploração mútua, busca a manutenção da autoestima, fusão com o objeto, comparável ao início da vida psíquica do bebê. Narcisismo primário, porém sem fissuras e alicerçado na atração física e sexual.

O casal apresentado, Romeu e Julieta, viveu de forma muito intensa o período de enamoramento. Acionados pela atração física mobilizam a mola propulsora da paixão, aspecto imprescindível para a constituição do vínculo conjugal. Diante da impossibilidade de lidar com o processo de desenamoramento, segunda fase do ciclo vital do casal, depararam-se com a perda do ideal narcísico, percebendo o outro como pessoa real, diminuindo a percepção dos aspectos idealizados. Isto mobilizou uma crise muito intensa no casal, emoldurando a ideia de perda e separação pela dificuldade de lidar com o processo de desilusão.

Romeu e Julieta viviam a relação de forma aparentemente satisfatória. Entretanto, inesperadamente, Romeu percebeu que não possuía mais a mesma intensidade de sentimentos que sentia por Julieta. Romeu, entristecido, deprimido, buscou tratamento, levando seus questionamentos quanto aos sentimentos por Julieta e dúvidas sobre se desejava permanecer casado com ela.

A terapeuta, ao ouvir as indagações de Romeu, propôs um tratamento para o casal. Romeu convidou Julieta para terapia de casal. Julieta mostrou estranheza diante do convite. Acreditava que seu marido estivesse sobrecarregado em função da faculdade de engenharia e do trabalho. Ela disse que jamais imaginava que podia estar acontecendo algo com a relação.

Romeu é um homem alto, mede em torno de 1,80 metro, olhos verdes, possui, portanto, características europeias.

Julieta é negra, mede mais ou menos 1,50 metro. Sua silhueta é de mulher franzina. Mostra-se pouco feminina, digo pouco vaidosa, tendo um jeito meio masculinizado, ‘estilo jogador de futebol’. A terapeuta pediu que contassem como se conheceram. O casal olhou-se, sorrindo. “Nos conhecemos entre amigos.”

Romeu disse: Quando bati o olho em Julieta pensei: é esta!

Julieta: Eu também bati o olho em Romeu e também o admirei.

Terapeuta: Neste momento inicial, o que cada um admirou no outro?

Romeu: Sinto atração por mulatas. Acho as mulatas lindas!

Julieta complementa: Romeu tem esses olhos verdes, lindos. Gosto de homens altos. Senti muita atração por ele, mas inicialmente até achei que ele não iria corresponder, porque sou negra e pobre.

Spivacow (2008) sustenta que a base do enamoramento acha-se alicerçada na atração física e sexual. Neste momento inicial, em seu horizonte consciente, o inconsciente aciona um estado de fusão física e emocional. A proposta que circula ao *partenaire* é de fusão e possessividade, um englobamento narcísico.

Romeu reportou-se com saudades ao período de enamorados. Expressou a percepção que cada um era o ideal do outro. Não entende o motivo pelo qual, em dezoito meses, o vínculo mudou tanto.

Ao receber o casal, a terapeuta vincular procurou investigar os sentimentos mobilizadores da busca de ajuda. Julieta referiu não perceber nada de anormal. Referiu apenas que Romeu andava cansado. Acreditava que conciliar a faculdade e o trabalho produzia certo estresse.

Julieta: Percebo que Romeu anda muito estressado nos últimos tempos.

Terapeuta, olhando para Romeu: Percebo que você está sentindo alguma aflição.

Romeu: Sim, e começou a chorar.

A sessão foi invadida pelo silêncio.

Romeu: Este momento é terrível para mim! Não procurei falar nada a Julieta. Não sabia como agir, também não sabia como Julieta iria reagir diante do que eu tinha para falar para ela. Estou com muita dúvida se quero permanecer casado com Julieta. Estou procurando ajuda, porque não quero precipitar minha decisão, mas também não quero ir direto para a separação.

Julieta, em sobressalto: Nossa! Há poucos meses atrás nosso amor levou-nos ao altar, ao juiz! Vencemos todas as barreiras na tua família e agora tu me dizes que estás em dúvida do nosso amor?

Julieta demonstrou raiva, sentindo-se preterida na relação.

Julieta: Não acredito no que estou ouvindo. Eu continuo te amando Romeu. Para mim nada mudou. Ele é que anda meio 'transtornado'. Eu achei, como disse, que era sobrecarga, estresse, serviço e estudo. Pelo que vejo não é isso.

Julieta perguntou a Romeu: O que está acontecendo contigo? Você conheceu outra mulher?

Romeu, soluçando, respondeu : Não conheci outra pessoa, porém estou profundamente em dúvida se quero ficar casado contigo. Esta dúvida vem me atormentando, me corroendo por dentro. Estou deprimido, triste, e não quero precipitar os fatos.

Romeu: Doutora, a gota d'água foi há três semanas. A última cena que vivenciamos foi sem dúvida um ponto final para que decidisse por buscar ajuda. Chegamos à agressão física. Estávamos dentro de casa e uma pequena cobrança por parte de Julieta, a não retirada do lixo do banheiro, foi o suficiente para uma agressão física. Tive um descontrole emocional e parti para cima dela. Quando levantei o braço e ia dar um soco em Julieta, eu me dei conta do que eu estava fazendo. Não cheguei a bater. Foi por pouco. Aí disse para mim mesmo: chega! Não sei o que está acontecendo. Qualquer coisa é motivo de discussão ou briga. Vamos fazer uma terapia juntos para ver o que está acontecendo. Não quero um casamento infeliz. Entretanto, pelo amor que vivemos um pelo outro no início, nos devemos este espaço.

Terapeuta: Então vamos ver que pensamentos, sentimentos e dúvidas estão se passando com vocês neste momento.

Julieta: Eu não penso nada. Só estou procurando entender o que está acontecendo com Romeu. Para mim nada mudou.

Romeu: No início, eu achava Julieta linda, perfeita. De um tempo para cá não sinto mais atração por ela. Julieta, vou ter que falar – talvez você fique triste... vou falar o que estou sentindo.

Julieta: Não tem problema. A gente tem que descobrir o que te incomoda.

Romeu: Estou achando Julieta baixinha, vejo que as pernas dela são finas, que não tem seios fartos. Me dei conta que a Julieta é bem diferente da mulata que sonhei ter como esposa.

Terapeuta: Percebo que você perdeu certo encanto por Julieta e está assustado com isto.

Romeu: Parece que eu não consegui enxergar a Julieta como ela realmente é. Sempre desejei ter como esposa aquela mulata de carnaval. Seios fartos, cintura definida. Mulher alta de 'bum bum empinado'. E estou me dando conta que, infelizmente, Julieta não é assim,

A terapeuta assinalou que Romeu construiu uma imagem muito idealizada de Julieta e esta respondeu revoltada.

Julieta: Estás maluco! Então por que você casou comigo? Eu não mudei em nada! Meu corpo sempre foi assim! Então você me enganou?

Romeu: Não te enganei! Não sei o que aconteceu! Eu não consegui perceber isto antes! Eu te achava linda. Infelizmente não consigo mais ter atração por ti. Chora, em prantos desabafa: sempre fui responsável. Sei que tirei Julieta de dentro da casa dela e agora não quero mais. Me sinto um cachorro! O que vou fazer? É isto que está acontecendo. Daí sinto raiva de Julieta. Não quero tê-la perto. Prefiro estar longe. Ao mesmo tempo estou triste, deprimido e não consigo ver uma saída.

Julieta: Ah, quando tu precisavas dos meus conselhos aí eu servia! Agora eu não presto mais!

O interjogo entre amor e ódio se atualiza constantemente nos vínculos de casal, uma vez que está ligado à regulação da ambivalência inerente a todo o vínculo. As polaridades

amor-ódio podem surgir no vínculo, quando o sujeito age em defesa contra a dor, desprazer, humilhação narcísica ou mesmo diante de uma expectativa ilusória de amor, no período de desidealização amorosa (Cohan et al., 2008).

O casal vive a crise do desenamoramento. Diante da dúvida, Julieta depara-se com o desamparo. Bregio e Spivacow (1997) pontuam que o descobrimento de que o objeto investido não é seu, que constitui um outro diferente, desperta, de modo geral, violência na dupla. A violência que circula no vínculo conjugal origina-se da dependência recíproca dos amantes. Esta surge como pretensão de domínio sobre o outro independente.

Terapeuta: Me dá impressão que o tempo que vocês viveram juntos já permitiu que, além das virtudes de cada um, também puderam conhecer e perceber os defeitos do outro.

Julieta: Eu nunca escondi nada de Romeu! Sempre fui desse jeito!

A terapeuta os auxiliou a pensarem: Quando um casal está apaixonado os olhos estão mais para perceber as coisas boas de cada um. É justamente porque estavam apaixonados um pelo outro que não conseguiram perceber as diferenças. Não percebo qualquer tentativa de enganar o outro. Percebo que vocês vivem o que é próprio da fase. No período da paixão não se vê o que não se quer ver. É como se os olhos do apaixonado estivessem vendo apenas o que ele quer ver. Assim aconteceu com vocês no início. Eram capazes de perceber apenas as virtudes de cada um.

Bregio e Spivacow (1997) elucidam que o desenamoramento é o momento em que as características renegadas ao *partenaire* reaparecem bruscamente como uma vala que quebra a fusão. Realizam um movimento em relação à discriminação, aspecto que, no casal Romeu e Julieta, está sendo confundido com falta de amor.

A terapeuta assinala que o casal passou da fase ‘enlouquecedora’ da paixão. Agora vocês vivem outro momento. Cada um é capaz de perceber o outro como pessoa real. Perceber o outro não somente nos aspectos desejáveis, mas também nos indesejáveis.

Romeu: Estou com dúvida! O que fazer agora?

Terapeuta: Vocês estão conseguindo se perceber como pessoas que têm qualidades que fizeram vocês se apaixonar. Existem também as diferenças entre vocês...

Romeu: E vamos ter que descobrir se a gente quer ficar com esta pessoa que tem estas diferenças?

Terapeuta: Exatamente. Vocês estão percebendo que cada um tem várias características que fizeram um se apaixonar pelo outro. Agora, com os pés mais no chão, mais amadurecidos com a

convivência, vocês precisarão testar se vão querer continuar com a pessoa real, com o Romeu real e com a Julieta real.

Julieta: É como se tivéssemos que testar para ver se a gente vai dar certo? Nossa! Com tudo isto que Romeu está me criticando não tenho muitas chances!

Severo (2010) esclarece que, diante de casais em crise, o papel da análise consiste justamente em auxiliá-los a pensar sobre se desejam ou se ainda podem criar um novo projeto a ser compartilhado. Esta elucidação com certeza não depende apenas de uma parte do casal, também se acha subjugada ao desejo do outro, conforme conjugado por Berenstein (2010), quando conduz uma elucidação a respeito do conflito conjugal alicerçado na concepção de presença. A presença aciona a representação, aspecto que torna o outro sujeito na relação. Neste sentido, é possível elucidar que, quando um não corresponde aos investimentos afetivos do outro, pode se gerar uma crise conjugal em virtude da não disponibilidade deste para ser investido em sua totalidade. A presença no vínculo acha-se sustentada no corpo de cada um dos membros do casal. Esta imposição pela presença propõe ao outro suas representações, o obrigando a conceder-lhe um lugar diferenciado. Quando o outro não está disponível para esta representação, gera-se conflito no casal pelo fato do outro não se sentir investido ou desprezado na relação.

Terapeuta: Não existe ninguém perfeito. Todo casal começa apaixonado. Cego um pelo outro. Esta fase é seguida pela segunda parte que vocês estão vivenciando neste momento, quando se percebe que o outro não é tão perfeito assim, que também tem defeitos.

Romeu: Então a gente vai ter que ver se a gente vai conseguir continuar casados, se gostando?

Romeu e Julieta denotaram apreensão diante da demanda de compartilhar o incompartilhável. Não sabiam o que fazer. Não sabiam como acomodar estas diferenças na relação do casal. Severo (2010) lembra que a presença do outro incide fortemente sobre o sujeito no vínculo. Diante das diferenças, diante do 'alheio', a dupla vincular possui dois caminhos a seguir. Ou o casal recusa a diferença por questões narcísicas ou então a dupla conjugal inicia um trabalho de desidealização no qual, do novo, emergirá um trabalho psíquico na dupla, no sentido de aceitar aquilo que não coincide com o desejo, com as projeções ou com os objetos internos constituídos na vida psíquica de cada um dos membros da dupla vincular.

Romeu: Existem algumas coisas que Julieta precisa melhorar. Ela é pouco feminina. É meio masculina. Não se arruma... Ela precisa ficar mais sensual.

Terapeuta: Percebo que você está dizendo que agora não precisa mais de uma mãe no casamento. Deseja uma esposa sensual.

A terapeuta auxiliou Romeu a deparar-se com o motivo de suas escolhas. Possivelmente, em função de suas inseguranças necessitava de uma parceira que lhe desse amparo, força e proteção. Agora, mais fortalecido, de seu desejo emerge uma necessidade mais adulta. Como homem possivelmente passa a sentir necessidade de ter uma companheira mais sensual, uma mulher também mais adulta de modo que possam complementar-se em seus desejos.

Romeu: Julieta tu aceitas tentar cada um melhorar um pouco?

Julieta disse que sim. Reiterou que não tem culpa de ser assim: Talvez este modo pouco feminino tenha sido por causa de meu pai que me incentivava a jogar futebol. Meu pai também me falava: não debes chorar, debes ser guerreira.

### **Tipos de enamoramento**

Os terapeutas vinculares sabem que existe uma infinidade de dinamismos psíquicos que acionam o enamoramento e tornam possível a constituição de um casal.

O enamoramento é um reencontro, sustentado pelas entranhas que precipitaram as vivências alicerçadas na presença do objeto. Freud (1905) já assinala que o ‘encontro’ é na realidade um ‘reencontro’. Portanto, as vivências significadas pelo objeto as quais deixam as matizes que precipitam a vida sexual infantil sustentam o reencontro e determinam o tipo de enamoramento que a dupla vincular há de fundar.

#### *Enamoramento tipo ideal de ego*

Bregio e Spivacow (1997) referem que, no enamoramento, tipo ideal de ego, o casal possui uma vivência fusional, um não registro da separação.

O desenamoramento permite crescimento emocional para ambos, não havendo submissão ao outro nas normas que regem o casal. Neste tipo de enamoramento, o funcionamento narcísico é mediado pela castração simbólica, pela noção de falta, pelo tipo ideal de ego: “os enamorados constituem uma díade magnífica e idealizada, porém esta não é perfeita e nem absoluta. Uma distância separa do ideal” (Bregio & Spivacow, 1997, p.115).

#### *Enamoramento da instituição*

Neste tipo de vínculo, casal-instituição, o cônjuge capta uma paixão que desperta a instituição casamento, como socialmente regrada, com investimentos dirigidos a esta instituição, conforme elucidado por Bregio e Spivacow (1997). Entretanto os casais são de modo geral diferentes em suas personalidades. O que agrada a um desagrada ao outro. Possuem grande grau de violência desde o início da convivência, sendo que estas desavenças e conflitos não afetam o projeto institucional.

O desenamoramento no vínculo casal-instituição adquire características peculiares: pode ser pacífico, terrivelmente tormentoso, porém não compromete a convicção básica: “a continuidade da instituição vai além das desavenças ou maltratos, mesmo que esta prejudique a vinculação afetiva” (Bregio e Spivacow, 1997, p.117).

[...] o outro não intervém além do acordado. Sustenta um estado de união indissolúvel com o passado. O enamoramento está sustentado pela fidelidade aos enunciados identificatórios com as famílias de origem, os quais sustentam as regras e normas de união (Bregio; Spivacow, 1997, p.117).

#### *Enamoramento tipo ego ideal*

Bregio e Spivacow (1997) elucidam que, no enamoramento, tipo ego ideal, os casais necessitam manter uma vivência de plenitude oceânica e fusional. Qualquer possibilidade de discussão ou mesmo de separação é desmentida, com o intuito de manter a díade narcisista compacta sem fissuras.

O amor instala-se seguindo a lei de tudo ou nada. O ajuste é perfeito e eterno. Neste tipo de vínculo, negam o crescimento inerente ao trabalho psíquico do casal.

No amor, o outro é percebido apenas em um plano em que a mola mestra é a imagem completa e homogênea, ou seja, as diferenças são desconhecidas no objeto. Não possuem noções de temporalidade e, no projeto do vínculo, não aparecem perguntas sobre o futuro e agem como se conhecessem a história do passado do objeto.

No enamoramento tipo ego ideal, há predomínio de funcionamento narcisista, não mediado pela castração simbólica. Não há falta (Bregio; Spivacow, 1997).

No casal Romeu e Julieta, o enamoramento foi do tipo ego ideal. Buscaram no outro o ideal, aspectos faltantes ou idealizados por cada um deles. Frente a qualquer ameaça de separação, a desmentida sustenta a díade narcisista compacta sem fissuras. No amor à primeira vista, o ‘objeto outro’ é percebido em um só plano, vislumbrando a imagem completa e homogênea. Desaparece a heterogeneidade, as dimensões múltiplas são desconhecidas do objeto. Não há falta. O vínculo é o ideal (Bregio; Spivacow, 1997).

No enamoramento tipo ego ideal, não há, desde o início da relação, qualquer trabalho psíquico com relação ao objeto amoroso. Neste tipo de vínculo, não aparecem perguntas sobre o futuro ou sobre o projeto do vínculo. Agem como se soubessem a respeito da história e do passado do objeto (Bregio; Spivacow, 1997).

Este casal sustentou um vínculo tipo ego ideal.

Romeu declarou: Nosso amor era lindo! Nos amamos mesmo! Superamos muitas barreiras para ficarmos juntos. Não foi fácil ficarmos juntos. Julieta é negra e minha família não a aceitou quando a apresentei. Minha família, tios, primos, todo mundo dizia: tu não te enxergas! Tu vais ser engenheiro. Tu és branco, alto, bonito, olhos verdes, o que tu queres com esta negra feia de meio metro de altura? Tu não te enxergas? Aqui tu não trazes mais ela!

Percebe-se que os enamorados, Romeu e Julieta, também são mobilizados no vínculo, no que tange à aprovação do grupo familiar.

Romeu elucidou: Ultrapassamos muitas barreiras em nome de nosso amor.

Bregio e Spivacow (1997) sustentam que enamorados tipo ego ideal denotam uma certeza total, como se o outro fosse conhecido e transparente.

Estranhos na noite [...] trocam os olhares [...] foi tudo perfeito [...] que o amor foi só uma olhada [...] e desde então estamos juntos, amantes a primeira vista e amor para sempre. (Bregio; Spivacow, 1997, p. 114).

No enamoramento tipo ego ideal, os enamorados denotam uma aspiração quase universal de encontrar a metade da laranja, em níveis inconscientes desejam a complementaridade sem exigir troca ou trabalho psíquico.

“No enamoramento tipo ego ideal o sujeito ilusiona encontrar um outro castrado, ‘perfeito’, que possa realizar as antigas aspirações infantis” (Bregio; Spivacow, 1997, p. 114).

Frente à fala do marido de que ultrapassaram muitas barreiras juntos, Julieta, meio chorosa, complementou: Fui muito mal recebida pela família de Romeu, ou melhor, não fui aceita. Sentia que não era bem-vinda. Me sentia excluída. É como se dissesse inconscientemente que estava sofrendo por este amor.

A terapeuta mostrou-se continente, pontuando que, no enamoramento, as pessoas são colocadas à prova não só no vínculo a dois, mas também frente ao grupo familiar que, de certa forma, avalia o candidato que chega, o aprovando ou, por vezes, mostrando resistência até sua aprovação ou inclusão ao grupo.

Julieta disse: A gente enfrentou exatamente isto. É como se eles me avaliassem o tempo todo e faziam de tudo para Romeu desistir de mim.

Romeu: Sou obrigado a concordar com Julieta. Minha família fez de tudo para eu desistir dela.

Pode-se intuir que, diante da exclusão ou não aceitação de Julieta por parte da família de Romeu, os dois se transformaram em um só como forma de fazer-lhe frente. Realizaram um pacto sobre as diferenças que devem ser acordadas e negadas na relação.

Romeu: Quando estávamos com o convite de casamento pronto, meu irmão pediu para que eu não me casasse. Me disse: ela não é bonita o suficiente para você. É baixinha. Não combina com você.

Romeu sentiu-se muito ofendido com a afirmação do irmão, ficando sem falar com ele. O irmão negou-se a ir ao casamento, visto que para ele ir ao casamento simbolizava aceitar Julieta e a relação dos dois. Assim, ele preferiu deixar claro que não participaria desta escolha, que aos seus olhos consideravam um 'erro'.

Romeu: Meu padrinho de batismo, que convidei para ser meu padrinho de casamento, em um primeiro momento recusou o convite e disse: como vou aceitar meu afiliado casar-se com uma negra?

Romeu: Respondi ao padrinho: gostaria muito que você e sua esposa fossem meus padrinhos de casamento. Se você não aceitar, quero dizer que vou casar-me com Julieta independentemente do que todos vocês acham ou pensam. Vou casar-me com Julieta, por mais que minha mãe, irmão, padrinhos, tios e primos estejam contra minha relação. Julieta é a mulher da minha vida! Amo ela.

Julieta: Também não importa ninguém! Romeu é o homem da minha vida!

O enamoramento é um momento em que o descentramento e a possessividade tornam-se a mola propulsora. É como se fosse falado o que é dito no senso comum: 'O amor é cego. O enamoramento é cego'. O enamoramento nasce de um fundo dominado pela falta. Desta, nasce o desejo do qual partem as valências amorosas. Em sua fantasia, os enamorados imaginam haver encontrado um antídoto para a falta. Pontuam que no período do enamoramento o investimento amoroso transpõe o sujeito, deixa-o completamente despido frente à intensidade de suas catexias e da autonomia do objeto. Redescobre a sua fragilidade diante do sentimento que o invade. O enamorado experimenta a indefinição perante o outro. Reaparece seu desamparo, visto que se sente mobilizado (Bregio; Spivacow, 1997).

Romeu e Julieta mostravam-se perdidamente apaixonados um pelo outro. Disseram: Nosso amor tem que ser vivido! Não importa o que os outros acham. Importa o que nós sentimos! Somos feitos um para o outro! No enamoramento a fronteira entre um ego e outro passa a desaparecer. Eles ficam fusionados. Fusão com o objeto. Os enamorados denotam uma vivência ímpar de 'ilusão de amor', aspecto que evidencia o amor recíproco, de realização plena. Evidenciam uma 'reciprocidade de ilusão', na qual a dupla acredita ter a

ilusão complementar. Acreditam na força da representação idealizada, do momento sublime de estarem juntos no vínculo conjugal (Moguillansky, 2006).

Na prática clínica, os enamorados Romeu e Julieta denotaram um estado paralisador, de amantes. Não importava o que a família pensava. Eram feitos um para o outro e viviam este amor. Anularam as diferenças e não conseguiram lidar com elas. Estas foram percebidas, entretanto foram igualmente forças de atração, portanto necessitaram ser minuciosamente acordadas e negadas. Ambos demonstraram dificuldade em realizar o trabalho psíquico para lidar com as diferenças. Não denotaram critérios excludentes para lidar com isso. Nenhuma diferença foi percebida pelo casal: nem de aparência física, nem cultural, nem racial. Para viver este momento fusional, de atração física e sexual, Romeu alugou um apartamento para sair da casa dos pais. Desta forma, propiciou um espaço físico para o encontro amoroso e sexual, já que os encontros não podiam ocorrer em sua residência, face à não aceitação de Julieta por parte da família dele. Também não podia ser na residência de Julieta, visto serem os pais dela evangélicos e defensores do sexo somente após o casamento. Diante do conflito, realizaram uma escalação para exogamia que, segundo Spivacow (2008), constitui-se na solução através da opção para o casamento. Esta opção pôs Romeu e Julieta à prova de outra diferença que se acha sustentada no inconsciente vincular, quando o sujeito que entra na família, em níveis inconscientes, é colocado à prova para ser aceito ou não como novo membro.

Berenstein (2008) chama este espaço de inconsciente vincular. Este diz respeito ao espaço no qual o sujeito está inserido. O mundo interno está relacionado a relações objetais de cada membro da dupla. O mundo vincular diz respeito ao vínculo com o outro. Imposição vincular, pertinência vincular, lealdades. O mundo sociocultural diz respeito ao vínculo com os outros, imposição social, pertinência social, solidariedade, sujeito social. A família de Romeu não aceitava Julieta por ser negra. Não a julgava bonita o suficiente para que Romeu pudesse se casar com ela. Não a reconheciam como membro do grupo. No mundo vincular, ocorre a imposição vincular, uma vez que o outro está diretamente ligado à pertinência, em que cada grupo familiar, de modo inconsciente, avalia o novo membro sob multiplicidade de fatores, como capacidade de lealdade ao grupo. Baliza-se, como se Romeu e Julieta tivessem que fazer um ritual de passagem para posterior inclusão no novo grupo familiar.

Julieta não era aceita pelo grupo familiar de Romeu, não por ser pobre, mas por ser negra e 'baixinha', diferente do grupo deles. Neste sentido, percebe-se que a família de

Romeu atuava manifestando rejeição pela diferença. No mundo vincular, o sujeito estabelece uma relação com os outros. Neste, o inconsciente vincular se institui com o que os sujeitos do grupo suprimem, suspendem ou deixam fora, visto considerarem incompatível com a relação vincular.

“[...] quando o alheio surge, produz-se perplexidade e rejeição. Às vezes desperta sentimentos persecutórios e desconfiança. Às vezes atração e desafio” (Berenstein, 2008, p. 142).

Ainda quanto à exclusão de Julieta por parte da família de Romeu, evidencia-se que, em níveis inconscientes, estes se acham ligados a mandatos do mundo endogâmico. As famílias endogâmicas possuem em suas teias as leis e as normas das famílias de origem. Spivacow (2008) pontua que casais endogâmicos evidenciam dificuldades em construir entre os dois o espaço do casal. Esta dificuldade acha-se alicerçada na dificuldade de tomar alguma distância dos mandatos endogâmicos.

Romeu e Julieta realizaram um pacto sobre quais aspectos devem ser desmentidos ou negados na relação. As diferenças raciais, culturais e sociais devem ser negadas em nome do amor de Romeu e Julieta. Kaës (1991) prevê que um casal, ao se constituir como tal, organiza-se e manifesta-se negativamente sobre as renúncias inconscientes para sustentar o vínculo. O autor chama este fenômeno de ‘pacto denegativo’, haja vista que em níveis inconscientes o casal realiza pactos e acordos inconscientes sobre quais aspectos do vínculo devem permanecer reprimidos, desmentidos, renunciados, esquecidos do espaço mental da dupla. Milmaniene (2000) complementa que o pacto simbólico sustenta a combinação inconsciente, referente a que aspectos devem ser proibidos de circular na relação. Estes funcionam como uma garantia de ‘normalidade’ e, simultaneamente, como regra normativa, prevenindo a agressividade que pode precipitar risco ao vínculo. Piva et al. (2006) acrescentam que o pacto denegativo autentica as noções do contrato narcisista, no qual a desmentida, de aliança denegadora, nega o incompartilhável do vínculo para permitir a combinação dos aspectos compartilháveis dos membros do casal.

Os aspectos negados sustentam a estrutura narcisista, assim como podem evidenciar pactos e acordos inconscientes, mantidos pela dupla a fim de conservar um enamoramento tipo ego ideal, sem fissuras. Neste sentido, para nutrir os pactos e acordos inconscientes, os sujeitos podem utilizar-se da desmentida como forma de buscar manter a díade narcisista. Um relacionamento tipo ego ideal acha-se alicerçado por características e atitudes ideais que o parceiro não possui, entretanto este percebe o outro e valoriza-se como se fosse detentor das

características ideais que almeja encontrar no parceiro como forma de complementaridade recíproca. Sob esta ótica, Bregio e Spivacow (1997) dizem que o enamoramento tipo ego ideal acha-se sustentado na ideia de prazer purificado com predomínio de funcionamento narcisista.

No enamoramento tipo ego ideal, o amor surge e se instala seguindo a lei de tudo ou nada. O ajuste recíproco parece perfeito desde o início como algo eterno, negando o crescimento e sustentação do vínculo como etapa a ser realizada por ambos participantes do casal (Bregio; Spivacow, 1997, p. 113-14).

O pacto de Romeu e Julieta era esteado pelo não reconhecimento das diferenças raciais, culturais e econômicas. Igualmente, os ideais de beleza que Romeu almejava buscar em sua futura esposa - mulata alta de seios fartos e 'bum bum empinado' - foram substituídos por características fortes de personalidade, que sustentavam os aspectos de déficit de Romeu traduzidos, na relação, através da insegurança, dificuldades em tomar decisões. Julieta também denotou insegurança por ser negra, 'franzina de pernas pouco torneadas', aspecto que Romeu lhe falou serem ideais por ele almejados para sua futura esposa. Julieta com sua personalidade forte, batalhadora, guerreira, deu sustento a Romeu, sentindo-se valorizada na relação. De outra parte, Julieta sentiu-se valorizada e reconhecida por Romeu. Romeu e Julieta negaram as diferenças e realizaram um pacto quanto aos aspectos que não deveriam circular na relação. Neste sentido, os pactos e acordos inconscientes são organizadores do vínculo conjugal, visto que delimitam quais aspectos 'negativos' devem ser reprimidos ou desmentidos. Desta forma, o pacto negativo (Kaës, 1991), conforme evidenciam Losso e Losso (2010), cumprem a função organizadora do vínculo, assim como mantêm a função defensiva quanto aos aspectos que não devem circular na relação.

A fim de compreender o acordado por Romeu e Julieta, a terapeuta visou compreender as faltas sustentadas nesta relação vincular, no que tange ao ideal de ego esteado pela dupla, pois, conforme traduz Milmaniene (2000), se ama no outro aquilo que também se carece.

Romeu: Desde que conheci Julieta, de certa forma, fez uma diferença em minha vida. Não sei por quê. Ela se fazia presente e preenchia em mim coisas que não sei explicar. E não é que era de fazer comida. Julieta não cozinha. Não gosta de cozinhar. Lá em casa normalmente eu cozinho. Doutora, é no ficar junto. Parece que fico tranquilo.

Terapeuta: Me fala um pouco mais sobre como é este ficar tranquilo.

Romeu: Quando a gente conversa, está junto, a gente se completa. Julieta é decidida, forte, toma decisões que eu sozinho não conseguiria tomar. Ela me ajudou a sair de casa,

alugar um apartamento. Digamos que esse apartamento é o nosso cantinho. Namoramos, conversamos, enfim curtimos nossa relação. Esquecemos de tudo e de todos. É como se fosse só nosso o mundo! Na hora que a gente está junto é como se não existisse outro mundo lá fora.

O enamoramento é uma exploração inconsciente que remete a caminhos percorridos na relação primária com as figuras objetais.

Os enamorados desconhecem que as características do objeto escolhido estão inscritas nos matizes que precipitaram a vida sexual infantil e que o encontro entre ambos em um objeto futuro, são a sombra do objeto e o encontro com um passado, uma história vivida, transformada de acordo com as constelações inconscientes preferidas e tirânicas (Bregio & Spivacow, 1997, p. 104).

Nesta perspectiva, procurou-se compreender Romeu a respeito da vivência com sua mãe na infância. Ele referiu que tem um irmão do primeiro casamento de sua mãe, o qual, na visão de Romeu, é protegido por ela, porque não mora com o pai. Em função disto, a mãe o protege e dá mais carinho a ele do que a Romeu.

Romeu explicou que se lembra de sua infância, sempre ‘sobrando’. A mãe era diarista. Trabalhava cada dia numa casa diferente, fazendo a limpeza das residências das famílias. Ela o levava junto. Ele ficava vagando pelas casas. Não tinha lugar. Sobrava! Normalmente comia depois dos donos da casa com sua mãe. Romeu explicitou: Entendo, eu não era daquelas famílias. A mãe me explicava, no entanto eu era criança. Às vezes estava morrendo de fome e tinha que esperar a hora dos patrões dizerem que eu e minha mãe podíamos comer. Quando chegávamos em casa, pensava que ia ter atenção da minha mãe. Esperava por isto! A mãe chegava, ia lavar roupa, fazer janta e eu novamente ficava sozinho vendo televisão. Sei que minha mãe não tem culpa! Eu a entendo, no entanto ela me fazia muita falta.

Assim falou Romeu, chorando.

Através desta vinheta clínica, sugere-se que, na vinculação do casal, cada um capta, como com um radar, o que o outro ‘oferece inconscientemente’ para preencher os aspectos faltantes ou idealizados, constituídos na vida psíquica de cada um: ‘a ilusão narcísica’.

Romeu: Meu pai também era ausente. Vinha da firma e passava no bar para beber. Eu e minha mãe jantávamos sozinhos. Quando meu pai chegava, eu e a minha mãe já estávamos dormindo. Do meu pai quase não tinha carinho. Assim foi minha infância toda. Eu era sozinho. Ficava com a mãe no serviço, mas ao mesmo tempo ela não podia estar comigo. Ela trabalhava e eu era só. Um detalhe, isto piorou quando entrei na escola. Não ia mais aos serviços da minha mãe. Também perdi isso. Quando chegava em casa era aquele silêncio!

Vazio! Solidão! Chegava ao meio-dia e eu esquentava a comida que a mãe tinha deixado. A comida sempre era boa. Mesmo que não tivesse algo para todos, para mim minha mãe sempre deixava uma marmita bem servida. Ela jamais faltou como provedora. Coitada não podia me dar o que eu precisava: apenas um pouco de atenção, um pouco de carinho.

Aqui aparece a precariedade de relação afetiva de Romeu com sua mãe. A sombra deixada pelo objeto é de falta real. Romeu ficava horas sozinho na infância, quando seus recursos internos de personalidade ainda não haviam sido significados o suficiente para tolerar a ausência ou falta da figura materna e paterna.

O mundo interno de Romeu denota déficit afetivo. Quando Romeu encontrou Julieta que lhe deu atenção, o ouviu, deu carinho, ficou enamorado à primeira vista. Pode-se dizer que Julieta não precisou dar muito carinho e atenção. O pouco que oferecia para quem vivenciou uma carência afetiva como Romeu, o enamoramento ou fusão com o objeto fez com que ficasse vislumbrado. Milmaniene (2000) esclarece que frente ao desamparo, diante da falta, os enamorados buscam, no âmago, entregarem-se passivamente um ao outro, quando se aspira a entrega de todo a seu ser.

O amor põe assim em questão a crença na excessiva 'corporalidade' de um objeto ficcional, cuja consistência é meramente imaginária, sustentado sobre a materialização dos objetos de desejo, meros objetos insignificantes que adquirem uma dimensão a serviço da idealização e da nostalgia pelo amado (Milmaniene, 2000, p. 13).

A vinheta clínica em pauta leva intuitivamente ao desamparo originário de Romeu. Ele idealiza encontrar em Julieta um amor ao qual possa fusionar-se e aliviar a terrível dor de falta, do vazio deixado pelo objeto, aspecto que configura um enamoramento tipo ego ideal. Bregio e Spivacow (1997) traduzem que a eleição de objeto constitui previamente um reencontro que equivale a fantasias inconscientes, ou seja, como elucida Freud (1905), das raízes evidenciadas no enamoramento emergem as inclinações infantis acompanhadas de incremento de libido.

A relação entre desamparo e enamoramento possui consequências interessantes. O enamoramento recria a passagem do desamparo inicial ao amparo original. Assim o narcisismo é em primeiro momento a saída do desamparo mediante uma relação de indiferenciação com o outro (Berenstein, 1991, p. 223).

Sob este prisma, reportando às vinculações precoces com os pais e à escolha objetal, já pontua Freud (1905) que qualquer perturbação nas bases infantis traz consequências para a vida sexual adulta.

Segundo Berenstein (1991), um ponto peculiar no enamoramento é o fenômeno de fascinação, através do qual o objeto precisa estar submetido ao controle do olhar e da escuta. Pode-se sugerir estar à mercê do objeto. Pode-se dizer que o enamoramento não se cansa em ‘mirar’ o objeto de amor e não se cansa em escutá-lo. Entretanto, ‘mirar’ o objeto idealizado é uma tentativa inconsciente de que o espelho reflita o que constitui inicialmente o ego. Pode-se fazer uma alusão entre o enamoramento e o reflexo da própria imagem no espelho. Lacan (1954) esclarece que, para autoria ou construção do ego, é imprescindível que a mãe se ofereça como reflexo para seu objeto amado.

Romeu denota déficit afetivo e Julieta é uma mulher forte que também não teve afeto. Conjugam uma complementaridade dos aspectos pouco simbolizados ou ausentes com as figuras parentais.

Julieta é uma mulher dominante, segura, batalhadora, que foi significada por seus pais a vencer. Não precisava ajudar em casa. Seu único compromisso era estudar, ser forte. Vencer na vida pela competência, como dizia seu pai: “filha você nunca pode esquecer que é negra! Você sempre vai ser vista como menos. Então não seja fraca. Você tem que ser guerreira! Você precisa anular tua cor pela competência”. Ele repetia: “estude... estude... estude. Isto é o que posso te dar”. O pai só exigia que fosse forte. Nada de se queixar de qualquer dor. Jogar futebol com os meninos, em dia de chuva, era algo que seu pai muitíssimo valorizava. Ele proferia: “é isto minha filha! Você tem que ser forte, batalhadora! Este gosto direcionou-a a fazer faculdade de educação física”.

Julieta referiu que, para sua mãe, o que valia era o boletim. “Se tirava 10, com a mãe a gente tinha tudo! A mãe conversava muito comigo sobre vencer.”

Julieta foi fortemente significada pelos pais para ser forte, vencedora, transpor a diferença racial pela competência, pela segurança emocional, enfrentando obstáculos através de um bom intelecto.

Sem dúvida, estas características de Julieta ofereciam amparo e força a Romeu, que denota déficit de objeto paterno e materno, ao mesmo tempo em que Julieta demonstra certo sentimento de inferioridade por ser negra. Pode sentir-se valorizada com a dependência que Romeu demonstra na relação. Esta é a trama que sustenta o enamoramento de Romeu e Julieta.

Através desta psicodinâmica, buscaram sempre resgatar o ideal perdido, aspecto que se percebe quando Romeu manifestou que esteve pensativo sobre como ‘corrigir’ o que pode

ser melhorado. Disse que gostaria muito que Julieta tivesse seios fartos. Perguntou a ela se aceitaria um silicone de presente. Julieta aceitou e iniciaram as combinações sobre a realização do procedimento cirúrgico. O silicone, na relação de Romeu e Julieta, surgiu como sintoma que denuncia o ideal que falha. Ambos necessitavam de um relacionamento ‘ego ideal’, diante de aspectos internos poucos significados na relação com as pessoas significativas dos primeiros anos de vida. Sob esta ótica, o silicone, representava um meio de corrigir a falha objetal, agregar e erotizar o vínculo. Segundo Spivacow (2008), na crise do desenamoramento, a idealização positiva que norteava a relação, própria da fascinação do início de relação, sucede pela idealização negativa, denominada decepção rancorosa. Os amantes se perguntam: “como pude apaixonar-me por esta pessoa? Com quem estou?” Neste sentido, Spivacow (2008) refere que, com a saída da crise do enamoramento, se o casal permanecer junto, se estabelecem outros registros alucinatórios e projetivos, assim como novos ensaios inconscientes, que possuem menor grau de desmentida e maior grau de tolerância às diferenças. No estágio do desenamoramento, abre-se espaço para elaboração das feridas narcísicas do enamoramento. O casal torna-se capaz de novo encontro, no qual a mola propulsora para novos espaços, a diferenciação desejante, é mobilizada por espaços para descobrir as diferenças de cada um dos membros da dupla conjugal. Neste caso clínico, à medida que a psicoterapia avançava, o casal tornava-se capaz de se perceber, de forma menos idealizada. Esta elaboração dos aspectos narcísicos perdidos gera, entretanto, um clima melancólico, possivelmente pelo luto da perda do relacionamento de ideal de ego, quando, no desenamoramento, debilitam-se as fantasias, aparecem as fissuras que afetam a plenitude fusional e abre-se espaço para funcionamentos de autonomia e diferenciações. Este período, pode ser norteado de sentimentos depressivos, em função da autonomia do outro, e gerar conflitos intersubjetivos no casal (Spivacow, 2008). Neste sentido, a dupla lança mão de sintomas na tentativa de recuperar o ideal narcísico perdido. O silicone, no caso de Romeu e Julieta, é mais um sintoma na busca deste ideal.

Nesta perspectiva, com a saída do enamoramento e a elaboração da crise do desenamoramento, o casal torna-se capaz de fundar o vínculo conjugal. Somente quando são elaborados os ideais narcísicos projetados sobre o outro, elucidando as ‘faltas’, as carências de cada um dos cônjuges, os quais são produto das diferenças, é que realmente abre-se espaço para a satisfação conjugal. Sob esta ótica, a crise do desenamoramento propiciou a Romeu e Julieta crescimento tanto individual quanto no vínculo. Frente ao temor de ruptura ou

separação ativado pela crise, puderam rever seus modos de funcionamento rígidos. Romeu e Julieta tiveram que elaborar que são seres com necessidades e desejos diferentes, abrindo espaço para as ‘fissuras’ e a construção da reciprocidade de complementaridade. Nesta perspectiva, pode-se explicitar que a crise do desenamoramento precipita uma desorganização no casal. possibilita-lhe rever modos demasiado rígidos e utilizar as críticas em benefício próprio e do vínculo (Eiguer, 2010). Na mesma perspectiva, é possível conjugar que uma crise pode gerar crescimento ou rompimento no vínculo conjugal. Embora, no primeiro momento, possa precipitar a ideia de separação, decisão ou julgamento, ele pode, igualmente, ser um momento decisivo, precipitando um movimento de crescimento ou piora para a dupla (Testor, 2010). Somente através de um trabalho psíquico de elaboração e tolerância à diferença e à frustração, a dupla vincular torna-se apta à passagem para a vivência do amor.

“O amor provém da capacidade do ego para satisfazer de forma autoerótica parte de suas pulsões, e quando se transcende os objetos, estes podem tornar-se fontes de prazer, desejando o sujeito alcançá-los e incorporá-los” (Berenstein, 1991, p. 224). No amor, há espaços para encontros e desencontros. Há espaço para adaptações do casal a uma distância segura em que cada um pode ser ele próprio. Não há possessividade. No amor, existe um trabalho psíquico de difícil renúncia a funcionamentos narcísicos.

A análise segue assinalando o quanto estava difícil o casal passar do enamoramento ao desenamoramento, porque ambos se perceberam de forma muito idealizada. Cada um percebeu o outro cheio de ‘púrpura’, como Romeu disse: Julieta era perfeita. Romeu retomou que realmente só era capaz de perceber as coisas boas em Julieta e perguntou: Agora o que a gente faz? Tenho carinho por Julieta, mas aquilo que sentia por ela já não consigo sentir mais!

Julieta complementou: Amorzinho eu também não sinto exatamente a mesma coisa que sentia por ti, quando eu te conheci. Continuo te amando. Só não é ‘aquele hau’, até porque hoje a gente tem todo o tempo do mundo, e antes era menos tempo.

A crise conjugal denuncia uma quebra na homeostase da vincularidade. Suscita frequentemente sentimentos ambíguos, persecutórios os quais, em níveis inconscientes, são defesas que visam proteger a dupla frente à emergência de sentimentos desestabilizadores ou dolorosos que precipitam como fatores de risco ao vínculo. A crise conjugal é um momento de fragilidade como elemento fundante, sobre o qual se desenvolve o vínculo conjugal. A crise pode ser apenas um ato de desinvestimento passageiro, desde o qual o casal pode se encontrar a partir de um novo vínculo. Cada crise propõe um trabalho de desidealização sobre

a representação do outro. Severo (2010) pontua que as agitações e turbulências são necessárias rumo ao reconhecimento das diferenças e à construção do vínculo de aliança, a partir do qual o casal torna-se capaz de viver criativamente quando experimenta o outro real, como um ser independente ou separado de si. Nesta perspectiva, pode ser criativo, espontâneo e estabelecer um espaço potencial para o vínculo de ‘morte idealizada do outro’. Esta precisa morrer, abrindo espaço para o diferente, o alheio, onde cada um é ser separado com suas próprias necessidades e autonomia.

Julieta, possivelmente mobilizada por sentimentos que lhe suscitaram emergência de perdas, aventou que está esquecendo de tomar a pílula contraceptiva.

Julieta: Amor, tenho esquecido de tomar o anticoncepcional.

Romeu: Tu tá ‘doida’. Vais deixar o anticoncepcional à vista e vais tomar.

Julieta: Eu deixo à vista, mas acabo esquecendo.

Romeu: Me dá aqui que eu vou cuidar disto. (tira a cartela de medicamento da mão de Julieta).

Diante da perda do ideal narcísico, Julieta sentiu-se preterida na relação produzindo mais um sintoma. Frente à emergência de sentimentos de perda, mobilizados pela crise do desenamoramento, Julieta desejou impor um filho como forma de ‘garantir’ Romeu no vínculo. Romeu sentiu-se inseguro e passou a monitorar Julieta quanto ao uso do medicamento contraceptivo.

Romeu: Estou me sentindo muito incomodado com esta falta de responsabilidade de Julieta em tomar o anticoncepcional.

Julieta: Ah, amor! Foi só uns dias!

Romeu: Não suporto a ideia de ter um filho em época imprópria. Não é o momento. Se tu ficares grávida não vou assumir e aí a nossa relação não vai ter outra chance.

Julieta: Romeu não quer ter filhos. Eu quero constituir uma família.

Romeu: Negativo! Jamais disse que não quero ter filhos.

Terapeuta: Percebo que os dois desejam construir uma família. Sinto que Romeu está dizendo que na visão dele este não seria o melhor momento.

Romeu: Sem dúvida! Não é o momento! Filho meu tem que ser desejado, planejado. Não quero que ele passe o que eu passei. Como minha mãe era diarista e ela me levava junto, eu vivia na casa dos outros, esperando a hora que os estranhos dissessem que eu podia comer um prato de comida. (neste momento se emociona). Não vou aceitar ter filho antes da hora.

Terapeuta: Como Romeu passou muito trabalho na infância, na casa dos outros, percebo que encara o momento de ter um filho como uma responsabilidade que pessoas adultas, amadurecidas podem ter ao planejar um filho.

Julieta: Concordo, no entanto talvez um filho até pudesse nos unir neste momento.

Terapeuta: Me dá impressão que Julieta está assustada com a crise que vocês vivem e talvez ‘esquecendo’ de tomar o anticoncepcional, talvez idealize que um filho poderia uni-los neste momento.

Acionada pela crise do desenamoramento, Julieta buscou saídas psicopatológicas, atuando, tentando comandar a relação, buscando alternativas para ‘prender’ Romeu. Esse descentramento, esta oscilação ocorreram face à elaboração das diferenças suscitadas pelo receio de perder uma escolha do tipo de ‘ideal de ego’. Romeu buscou colocar limites na atitude de Julieta, acionando nela a possibilidade de perda, referindo que filho não prende ninguém, como também a certidão de casamento do juiz ou da igreja não prende. Romeu mostrou-se mais fortalecido. Severo (2010) clarifica que, acionados pela presença do outro, tornam-se aptos a estabelecer limites na apropriação identificatória, ‘me modifica e modifica-o’.

Romeu: Filho não prende ninguém assim como papel em cartório não prende ninguém quando não se quer. Não casamos na igreja, no juiz e não estávamos nos separando? Então! Também quero ter filhos, construir nossa família, no entanto agora é hora de trabalhar, fazer a faculdade à noite. Só isso já é difícil manter.

Julieta retoma à ideia: não disse que o filho teria que ser agora. Apenas comentei que estava esquecendo de tomar o anticoncepcional.

Terapeuta: E quando um casal tem relações sexuais e decide não tomar o anticoncepcional o que pode acontecer?

Silêncio!

Romeu: Gravidez!

Julieta: Entendo! A gente daria um jeito! Um bebê não dá tanto gasto assim!

Romeu: Não se trata de dar um jeito! Eu agora não quero filho, entendeu? Se você agora, na frente da terapeuta, não der a sua palavra não teremos mais relações sexuais. Como vou confiar?

Julieta: Como seria sem relações sexuais?

Romeu: Não é que eu não quero fazer amor contigo, no entanto se é para correr risco então eu não quero!

Julieta: Não vou mais esquecer de tomar o anticoncepcional.

Romeu: Julieta, a gente recém está se recuperando. Vamos deixar chegar a hora. Vamos curtir outras coisas e vamos deixar o filho para mais tarde.

Julieta: Está certo! Vou me esforçar para não esquecer mais de tomar o anticoncepcional.

O processo psicoterápico os auxiliou a se perceberem de forma menos idealizada, com menor grau de desmentida, tornando-os capazes de realizar um novo projeto. Percebe-se que o casal realizou um movimento em direção à inclusão de projetos para o futuro, como ter filhos, construir uma família. Mostraram, em suas atitudes, indícios de que optaram por permanecerem juntos, evidenciando sinais de elaboração dos aspectos idealizados e sinais de superação da crise, abrindo espaço para tolerância das diferenças, podendo se tornarem aptos à passagem para a vivência do amor.

Terapeuta: Percebo que vocês, como casal, fizeram uma combinação neste momento. Poder cumprir as combinações feitas pelo casal é uma forma de não ferir a confiança da outra parte. É uma forma de investir na relação para que ela possa ser sustentada na confiança.

Julieta: Dei minha palavra! Romeu pode ficar tranquilo.

Romeu: Tenho um bom terreno comprado. Está quitado. A gente poderia economizar para construir. Você sempre quis morar em casa, ter um cachorro...

Julieta: Pensando bem, é o melhor mesmo. A gente mora de aluguel.

Romeu: Então vamos nos livrar do aluguel. Vamos construir nossa casa. Terminar a faculdade. Depois a gente planeja isto. Quero estar bem preparado para receber nosso filho.

Romeu: Penso que, além de nos preparar financeiramente, devemos nos preparar psicologicamente. Quando resolvermos ter nosso filho, eu gostaria que a gente voltasse aqui e fizesse mais uma terapia para não repetirmos os erros que nossos pais cometeram.

Severo (2010) traduz que o projeto compartilhado de um casal implica, necessariamente, um processo de aceitação e elaboração das diferenças, as quais abrem espaço para a transcendência. Acrescenta Mouján (2003) que um casal que não passa pela desilusão jamais alcança o amor. Cada um continuaria vendo o outro e, em consequência, apresentando uma imagem não real de si. O amor só pode ser sustentado se for sentido e visto o real de cada um. A passagem do enamoramento ao amor requer um período de crise, similar à crise narcisista que impõe um sofrer diante da perda, da dúvida. Frente a isto, a dupla pode vivenciar irritabilidades, brigas, críticas, discussões, esfriamento e, por vezes, separações momentâneas.

Romeu e Julieta, após a elaboração dos aspectos narcísicos perdidos, a passagem da idealização para desidealização, tornaram-se capazes de se perceberem como pessoas reais e planejarem um novo projeto vital, compartilhado e sustentado na percepção de cada um como

pessoa real. Sob esta ótica, através deste estudo de caso, sugere-se que, somente após a vivência da crise do desenamoramento, a dupla vincular torna-se capaz de fundar o vínculo conjugal. Mais amadurecidos, tornam-se capazes de investir no vínculo e tecer uma vida a dois, através da sintonia recíproca, tornando-se, desta forma, habilitados a usufruir do vínculo conjugal em toda a sua plenitude, através de um novo projeto vital, compartilhado. Neste contexto, Puget e Berenstein (1994) mencionam que o projeto vital compartilhado implica um casal compartilhar um espaço-tempo vincular. Ambos os egos falam e utilizam significantes em que um outorga ao outro atribuindo-lhe significado recíproco.

O projeto vital compartilhado é uma aquisição devida à complexificação do vínculo. Esta linguagem compartilhada ocupará um espaço-tempo na mente de cada um. O projeto evolui para o futuro, representado como organização gradual de um trajeto pensado para adiante. O modelo paradigmático de um projeto futuro, para um casal, passa pela criação de filhos, reais ou simbólicos (Juget & Berenstein, 1994, p. 8). A boa resolução de uma crise conjugal consiste no fato de a dupla ser capaz de gerenciar as dificuldades que emergem na relação, tomando as decisões que julgar adequadas para aquele momento ou situação (Testor, 2010). Através da compreensão psicodinâmica deste caso, pontua-se que o vínculo conjugal ocorre na presença, quando os enamorados acionam e são acionados por um trabalho psíquico intersubjetivo e intrasubjetivo.

### **Considerações finais**

O ciclo vital de um casal é alicerçado pela paixão que provoca a idealização sustentada em aspectos narcísicos mobilizados pelo complexo de Édipo infantil. Os enamorados, mobilizados pela falta, acionam a pulsão sexual que propicia o enamoramento. Mais além, diante da percepção do outro real, a dupla conjugal depara-se com a incompletude que aciona a crise do desenamoramento.

Somente após a vivência da crise do desenamoramento, com a existência da frustração e a elaboração dos aspectos narcísicos, a dupla vincular torna-se capaz de construir um novo projeto compartilhado, no qual a crise consiste em espaço ou reformulação de um novo projeto para o casal.

Ancorados em uma percepção com menor grau de desidealização e desmentida, o casal torna-se capaz de perceber as diferenças, abrindo espaço para a transcendência. De

modo geral, passam a incluir projetos para o futuro, como ter filhos, realizando um movimento psíquico em direção ao desejo de construir a própria família.

A construção deste novo projeto de vida compartilhado frequentemente aciona o desejo de adquirir o próprio espaço físico, a casa do casal. Esta aquisição pode ser a mola propulsora para outras aquisições na vida conjugal, envolvendo realizações quer profissionais, econômicas ou sociais. A construção de um novo projeto pode abrir ambiente, permitindo espaço para a individualidade de cada um, mobilizados pelo desejo de, juntos, construírem um espaço compartilhado.

O ciclo vital de um casal é mobilizado por momentos de encontro e por momentos de desencontros. A resolução da crise pode consistir na superação de várias crises, das quais a dupla vincular pode ressurgir amadurecida e fortalecida no vínculo. Entretanto, por vezes, a resolução pode ser pela dissolução do vínculo conjugal, quando deste não mais emanam desejos compartilháveis.

### Referências

BERENSTEIN, I. (1991). **Psicoanálisis de la estructura familiar**: del destino a la significación. *Psicología Profunda*. Buenos Aires: Paidós, 1991.

\_\_\_\_\_. **Devenir otrom com outro(s): agnidad, presencia e interferência**. *Psicología Profunda*. Buenos Aires: Paidós, 2008.

\_\_\_\_\_. Conflitos em la pareja y/o conflictos de pareja. Buenos Aires, **Actualidad Psicológica**. Junho, Ano XXXV, nº 386, p. 7-10, 2010.

BREGIO, A.; SPIVACOW, M.A. (1997). Sobre el enamoramento. In: Puget, Janine et al. **Psicanálises de pareja: del amor y seus bordes**. *Psicología Profunda*. Buenos Aires: Paidós, 1997.

EIGUER, A. *La crises de la pareja*: três hipóteses teórico-clínicas alternativas. Buenos Aires, **Actualidad Psicológica**. Junho, Ano XXXV, nº 386, p. 2-6, 2010.

COHAN, G. et al. El lugar del odio en el vínculo de pareja. El ódio nuestro de cada día. In: **Del amor del odio**. Buenos Aires: Associação Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo. Vol. XXXI, nº 2, 2008.

FREUD, S. (1996). **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago. Vol. XXI.

\_\_\_\_\_. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. VII.

\_\_\_\_\_. (1914-1915). Sobre o amor transferencial. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVII.

\_\_\_\_\_. (1920). Além de princípio do prazer. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXI.

\_\_\_\_\_. (1930). O mal-estar na civilização. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVIII.

KAËS, R. El pacto denegativo en los conjuntos trans-subjetivos. In: **Lo Negativo. Figuras e Modalidades**. Buenos Aires: Amorroutu Editores, 1991.

LACAN, J. O ideal de eu e o eu ideal. In: **Os escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1954.

LOSSO, R.; LOSSO, A.P. *El drama inconsciente de las parejas*. Buenos Aires, **Actualidad Psicológica**. Junho, Ano XXXV, nº 386, p. 27-29, 2010.

MOGUILLANSKY, R. *La apasionada ilusión del amor recíproco, una creación de la modernidade*. Buenos Aires, **Actualidad Psicológica**. Março, p.13-16, 2006.

MILMANIENE, J.E. Extrañas parejas: psicopatologías de la vida erótica. *Psicología Profunda*. Buenos Aires: Paidós, 2000.

MOUJÁN, O.F. **Del enamoramento al amor: un pasaje difícil**. Buenos Aires, *Actualidad Psicológica*, Ano XXVIII, n. 308, p. 2-6, maio, 2003

PIVA, A. et al. **Transmissão transgeracional e a clínica vincular**. Porto Alegre: Casa do Psicólogo, 2006

PUGET, J.; BERENSTEIN, I. **Psicanálise do casal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SEVERO, A. **Encontros e desencontros a complexidade da vida a dois**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2010

SPIVACOW, M.A. **Clínica psicoanalítica con parejas**. *Psicología Profunda*. Buenos Aires: Paidós, 2008

TESTOR, C.P. *Los conflictos de pareja: de la oportunidad al riesgo*. Buenos Aires, **Actualidad Psicológica**. Junho, Ano XXXV, nº 386, p. 11-14, 2010.